

Dona Creuza e Sr. Eronildo: um relato de vida pautado nos desafios do Semiárido



Dona Creuza Severina de Oliveira e Sr. Eronildo Salgado de Oliveira (que é conhecido na comunidade como Sr. Tiquinha) moram no Sítio Bebedouro, no município de Passira, no Agreste Setentrional de Pernambuco, e vivem basicamente das atividades camponesas. Tiveram quatro filhos: Veronildo (31 anos), Breno (falecido com 02 meses de idade),

Juliana (25 anos) e Bruno (18 anos). Eles se conheceram em uma atividade de combate à seca, conhecida como “barreiro de emergência” e desde então começaram a namorar até se casarem em 1984. Sempre viveram nas terras que eram da família de Sr. Tiquinha, onde estão até hoje. A roça de milho é o principal plantio existente, mas cultivam também feijão,



outra cidade (Gravatá/PE, cidade vizinha à Passira) para trabalhar numa pedreira e assim poder sustentar a todos que ficavam a sua espera, mesmo que essa espera fosse, muitas vezes, aguardada com muito trabalho nas atividades da roça pela família. *“Tiquinha tinha que trabalhar no britador várias vezes para mandar dinheiro pra a gente e era um sofrimento muito grande, pois criar os filhos no britador é muito sofrimento”*. Disse Dona



fava, macaxeira e tem um pequeno pomar, além de uma pequena criação de animais (gado, carneiro e galinha). Mesmo tendo se conhecido numa atividade de combate à seca na época, ainda hoje o maior desafio é a falta d'água durante boa parte do ano, no período de estiagem. Principalmente, para manutenção das roças que cultivam, os dois fazem uso de sistemas de irrigação que, com muito esforço, foi estruturado para poder produzir dependendo sempre



Creuza. Com o passar dos anos ele passou a ir menos para Gravatá para trabalhar, pois a área de cultivo se ampliava cada vez mais e isso possibilitou para eles maiores ganhos da roça, mas também maiores desafios por falta d'água. Para minimizar esse problema, conseguiram com recursos próprios da indenização de Sr. Tiquinha de um trabalho numa construção em Gravatá e outra parte de um financiamento bancário no ano de 2001 a perfuração do primeiro poço artesiano de 32 metros de profundidade. *“Quando nós conseguimos o dinheiro para perfurar esse poço foi uma maravilha, isso só foi possível depois que a luz chegou aqui”*, lembra Dona Creuza. Porém, o poço amazonas (cacimbão), que tinham em sua propriedade há vários

da quantidade de água que conseguem captar e armazenar a partir do poço que eles tem em sua propriedade.

Enfrentaram, desde o começo, diversas dificuldades para manter sua família. Sr. Tiquinha teve que morar em



anos, secou. Por sua vez, o poço perfurado supriu a necessidade de água para o plantio que existia na época. Essa luta pela busca de novas alternativas de acesso à água continuou por muitos anos, até que em 2010 o único poço que existia como fonte de água para produção esgotou toda sua capacidade. Isso levou a família do Sr. Tiquinha a fazer novos esforços para a perfuração do segundo poço, esse com uma profundidade de 50 metros que daria novas possibilidades de acesso à água tão necessitada por sua família.

Mesmo com tantos esforços para terem uma quantidade suficiente de água para a produção na roça, eles sempre têm a necessidade de buscar novas alternativas de fonte de água. Neste ano (2016), conseguiram uma cisterna de



produção (calçadão) com capacidade para 52 (cinquenta e dois) mil litros, através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), executado pela Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológico de Bom Jardim (AGROFLOR) em parceria com a Articulação do Semiárido (ASA). A partir dessa nova tecnologia, estão dispostos a iniciar uma produção com base no sistema agroflorestal que será sua primeira experiência de produção livre de agrotóxicos (orgânicos). Nessa nova possibilidade eles acreditam que vão poder mudar a realidade vivenciada pelo seu filho mais novo, o Bruno, que trabalha



exaustivamente numa propriedade que cultiva produtos convencionais e utiliza agrotóxicos de forma indiscriminada, comprometendo a saúde dele. *“Nosso sonho agora é poder ter nosso filho trabalhando aqui com a gente, sem precisar ir para as roças dos outros usar todos aqueles venenos que usa para produzir hortaliças que tem lá”*, comenta Dona Creuza. Dessa forma, acredita-se que a cisterna calçadão trará benefícios não só para a produção de novas culturas em sua propriedade, mas também trará uma nova perspectiva



de vida para Bruno, que passará a cultivar produtos livres de agrotóxicos. Bruno passa boa parte do dia dedicado ao trabalho extremamente forçado, com contato direto com os produtos tóxicos sem a devida proteção e retorna exausto para sua casa para poder ir para escola. Essa prática é comum na região que tem sua agricultura marcada pelo uso indiscriminado dos defensivos agrícolas.

Relembrando todas as dificuldades vivenciadas por sua família, Sr. Tiquinha acredita que novos tempos se aproximam. *“Espero poder começar minha hortinha e depois, quem sabe, aumentar cada vez mais minha produção para poder até vender e ganhar um dinheirinho”.*

A cada conquista de sua família ele lembra que nada vem por acaso e sim com bastante luta. Os desafios se ampliam, mas as alternativas também aumentam na mesma proporção. Os esforços são comuns a todos, lembrando sempre que todos eles são perseverantes naquilo que fazem. Tais desafios serão superados com a garra que sempre lhes foi de costume. Com ações efetivas que visam minimizar a problemática da escassez de água vivenciada desde sempre na região, sua família sempre vem atuando de forma ativa na busca constante de minimizar essa situação.

Para a família de Dona Creuza e Sr. Tiquinha cada dia é de superação e realização, pois a própria comunidade reconhece neles referências positivas de pessoas que sempre são capazes de dar o próprio exemplo como forma de, também, agradecer pelo apoio que sempre tiveram de sua comunidade. Acreditando sempre na união de todos e todas que ali residem, eles sempre vão em busca de dias melhores.

